

Se era possível haver comunicação entre os Espíritos e os homens, sem a intervenção do diabo, porque não o ser hoje? E, se não é possível, porque, o clero não lançou o anátema contra as comunicações, quando nelas se exigiam a celebração de missas e legados á igreja?

Duas grandes verdades resultam do inconsequente procedimento da classe clerical: a primeira, a comunicação recíproca dos Espíritos com os homens cabe dentro dos princípios verdadeiramente cristãos, pois que recebeu em dias não remotos o assentimento da igreja; segunda, o clero sacrifica a suas conveniências pessoais a verdade dos princípios, para dizer que o Espiritismo se propõe a destruir a religião cristã; sendo que, o que êle procura, é afirmá-lo, ainda que para conseguí-lo seja forçoso arrancar a máscara aos que, sob a capa de religiosa piedade, exploram a ignorância dos fieis.

XI

Importância moral da comunicação. Objeção contra-producente. Considerações.

Pelas considerações que precedem, podem os nossos leitores julgar da importância moral do fato da comunicação espírita; e, talvez, modificar a opinião formada ligeiramente, sem um exame imparcial e maduro do fenómeno.

Nada de fantasmagorias, nada de práticas misteriosas, nada de conciliábulos na sombra, nada de profanações insensatas ou de esconjuros e palavras cabalísticas, nada de mortos que se levantam das sepulturas para responderem ao chamado imperioso de um fraco mortal, que obedece á maléfica influência do maligno Espírito.

Preces piedosamente elevadas a Deus, na humildade dos nossos corações, como filhos e servos seus que

somos, como fracas creaturas que pedem ao Senhor a fôrça que lhes falta, misericórdia divina, que envia um raio da sua luz aos que buscam em humildade e no desejo do bem, graças ao Altíssimo, pelas inspirações e favores alcançados da sua bondade onipotente: eis o princípio e o fim da comunicação espírita, eis as timbrosas práticas dos que, desenganados, buscam, em Deus, a verdade religiosa, que não têm podido encontrar na palavra dos homens.

Antes de condenar tais práticas, é preciso negar a eficácia das orações, o poder consolador e benéfico dos bemaventurados e a verdade das promessas evangélicas.

“O demônio do orgulho fala por vossa boca — dizem os sacerdotes romanos — sois umas miseráveis creaturas, e atrevei-vos a presumir que podeis pôr-vos em relação com os santos”.

Não duvidamos confessar que somos fracos, que padecemos enfermidades da alma, que sentimos em nós o peso da concupiscência e de mil e mil misérias da nossa natureza; mas, por isto mesmo que estamos enfermos, deixai que peçamos a Deus, que é o melhor médico, o remédio para as nossas enfermidades; por isto mesmo que somos fracos, não nos arranqueis a consolação de chamar em nosso auxílio a proteção superior.

Isto não é orgulho, é humildade — é fé — é esperança — é adoração — é amor.

Se Deus ouve, propício, as nossas preces, sem que o mereçamos, bendito seja Deus, que nos envolve em sua misericórdia infinita!

Vós, porém, que nos increpais e condenais, haveis de permitir que, por nosso turno, vos perguntemos: são vossos costumes tão puros e imaculados, vossos desejos tão santos, vossos propósitos tão nobres, vossa caridade tão exemplar, que mereçais comunicar-vos diretamente, não só com as creaturas celestiais, mas também com o

próprio Deus e com Jesús Cristo em corpo e alma, como pretendeis fazê-lo no sacrificio da missa?

Não vão nisto orgulho e insensatas pretensões?

Por ventura, o Supremo Senhor vinculou o monópólio de seus dons á classe sacerdotal?

Ignorais que em Deus não há preferências nem exclusões, quer para as pessoas, quer para as classes — que, como diz o profeta, jámais deixa de atender ás súplicas dos corações contritos e humildes: "*cor contrictus et humiliatus. Deus nom despiciunt?*"

Caso sómente os justos pudessem esperar a comunicação superior, quantos dos vossos pronunciariam em vão as frases sacramentais?

A comunicação com os Espíritos, tomadas as disposições necessárias, é um ato eminentemente cristão. Assim o entende o *Círculo Cristiano-Espiritista de Lérida* — e assim o entenderão, seguramente, os nossos leitores, que tenham acompanhado, com juízo imparcial, o curso de nossas observações filosófico-religiosas.

Um ano antes, não eramos espíritas; e hoje, somos. Começámos pelo estudo das doutrinas — e as doutrinas, que se recomendam pela sublimidade da sua moral, nos atraíram. Examinámos os fatos com vistas indagadoras — e os fatos nos têm trazido ao terreno das mais arraigadas convicções, e vimos neles a sanção dos princípios. Temerosos das dificuldades que oferece a parte experimental, procuramos cercá-la das mais escriptulosas precauções e os resultados atestam que não trabalhamos em vão.

Disto julgarão nossos leitores pela série de comunicações que adiante publicamos, obtidas por êste *Círculo* — e para cujo valor é importância chamamos, mui particularmente, sua ilustrada e benévola atenção.

COMUNICAÇÕES OU ENSINOS DOS ESPÍRITOS

1.^a (1)

MAIO DE 1873

"Amigos meus. Rompei com os vossos escrúpulos e com as considerações humanas, para dedicar-vos á de-feza das verdades que vos são ensinadas.

Luculo."

Esta comunicação foi a primeira que recebemos em nosso centro de estudo das doutrinas espíritas.

Algumas tinham sido anteriormente dadas a membros do centro, e entre elas aparece o nome de Luculo, como protetor de um deles, aconselhando a formação de um centro de estudos, que êle prometia proteger e dirigir espiritualmente.

(1) Julgamos a propósito declarar que em nenhuma das comunicações que transcrevemos, cujos originais conservamos para serem apresentados aos que desejem examiná-los, introduzimos alterações de espécie alguma, nem de conceitos, nem de palavra, nem de letra. Elas são inseridas tais como foram inspiradas. É admirável que nos ditos originais não apareçam correções nem emendas, não obstante o indiscutível mérito de alguns sob o duplo aspecto científico e literário. Tão pouco nos julgamos autorizados a suprimir os nomes com que aparecem assinados, pois os consideramos como parte integrante das comunicações. Alguns são tão venerados, que bem quereríamos ocultá-los, pelo respeito que nos merecem; porém, êsse mesmo respeito nos priva de suprimir da revelação uma só palavra que seja.